

POR DEFESA: DISCUSSÕES SOBRE PRODUÇÕES DE CORPOS NO APP GRINDR**FOR DEFENSE: DISCUSSIONS ON PRODUCTION OF BODIES IN THE APP GRINDR****DEFENSA: DEBATES SOBRE LA PRODUCCIÓN DE CUERPOS EN EL GRINDR APP**

Rodrigo Lemos Soares¹
Ariana Souza Cavaleiro²
Raquel Pereira Quadrado³

Resumo

O artigo destina-se a dissertar sobre produções de subjetividades percebidas a partir do uso midiático de um aplicativo, o Grindr, no qual os perfis *fakes* assumem diferentes modos de objetivação, tomados, desse modo, a partir de vieses culturais de vertentes pós-estruturalistas. Enquanto metodologia elaboramos um perfil, no qual foi exposta uma foto do autor. Depois demarcamos uma distância de cinquenta km referente à localização dos(as) usuários(as) e questionamos vinte sujeitos, por ordem de proximidade para responder a seguinte questão: O que te leva a produzir um perfil e não mostrar o rosto? Percebemos que as formas de interação social acarretam na defesa daqueles que as articulam, assegurando e ao mesmo tempo, postergando o contato olho no olho. Notamos, também, que em relação às práticas sexuais ser passivo passa a ser tomado, neste ambiente virtual, como argumento para a não exposição explícita dos sujeitos. Neste contexto, outras justificativas foram situadas no campo das possibilidades de macular ou depreciar a própria imagem através da possibilidade de expressar desejos sem precisar responsabilizar-se de forma direta com consequências de outras ordens. Contudo, todas as interações indicaram modos de produzir e educar os corpos dos(as) usuários(as) do app (forma contraída do termo aplicativo, usualmente utilizada nos sites de rede social).

Palavras-chave: educação; educação dos corpos; aplicativo gay Grindr; produção de identidades; práticas culturais

Abstract

The article aims to discuss productions of subjectivities perceived from the media use of an application —Grindr— in which fake profiles assume different types of objectification, as they are taken from cultural perspectives of poststructuralist trends. As a methodology, a profile was elaborated, in which a photo of the author was exposed and interpretation gestures were given to the subjects who did not present face pictures, but only of different parts of the body -- or other forms of objectivation of subjectivities that implied in the masking of themselves as subjects. Next, a distance up to fifty kilometers was set up and twenty users, in order of proximity, were interviewed and questioned to answer the following question: "What leads you to create a profile and not show your face?" Our initial analyzes showed that these forms of social interaction entail in the defense of those who articulate them, while at the same time ensuring the postponement of eye-to-eye contact.

-
- 1 Discente do curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS, membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS). Bolsista CAPES/ Demanda Social. Contato: rodrigosoaresfurg@gmail.com. Código Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1690-8991>
 - 2 Mestre em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. Contato: coordenadora.arianacavaleiro@gmail.com. Código Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3846-3441>
 - 3 Professora Adjunta do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. Contato: raquelquadrado@hotmail.com. Código Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0205-7783>

It was also noted in this virtual environment that, in relation to sexual practices, being a bottom is taken as an excuse to the non-explicit exposure of these subjects. In this context, other justifications were placed in the field of possibilities of maculating or depreciating their own image, through the possibility of expressing desires without having to be directly responsible for consequences of other orders.

Keywords: education; education of bodies; gay-application grindr; production of identities; cultural practices

Resumen

En este artículo se busca destacar la producción de subjetividades percibida con el uso de la aplicación Grindr. Allí, los perfiles falsos asumen diferentes modos de objetivación basados en sesgos culturales de vertientes posestructuralistas. Elaboramos un perfil a partir de una foto sin rostro. Entrevistamos a veinte usuarios, a quienes preguntamos: “¿Qué te hace producir un perfil y no mostrar tu rostro? Nos damos cuenta de que estas formas de interacción social se realizan a modo de defensa de aquellos que las usan, asegurando al mismo tiempo, posponer el contacto con los ojos. Observamos también que, en relación con las prácticas sexuales, ser pasivo significa, en este entorno virtual, una excusa para la exposición no explícita de los sujetos. Otra justificación para ocultar su imagen es la posibilidad de expresar deseos sin tener que asumir la responsabilidad que ello acarrea o sus consecuencias. Sin embargo, todas las interacciones indican formas de producir y educar a los usuarios de la aplicación.

Palabras clave: educación; educación de los cuerpos; gay-aplicación Grindr; producción de identidades; prácticas culturales

Fecha de recepción: 19 de enero de 2019

Fecha de evaluación: 20 de febrero de 2019

Para citar este artículo:

Lemos Soares, R., Souza Cavalheiro, A., y Pereira Quadrado, R. (2019). Por defesa: discussões sobre produções de corpos no app *Grindr*. *Lúdica Pedagógica*, 29, 57-68. <https://doi.org/10.17227/ludica.num29-11083>

ACESSANDO AS REDES...

O que é a verdade, portanto? Um batalhão de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moeda.

NIETZSCHE, “Curso de retórica”

A partir de autores como Friederich Nietzsche (1999) e Michel Foucault (1994)⁴, a questão da verdade e do que é colocado no lugar do verdadeiro ganhou contornos outros, diferentes dos que vinham sendo apresentados a partir da modernidade. Ao invés de certezas irrefutáveis e da imagem de uma Ciência e uma história que se apresentavam como o desenrolar de acontecimentos sucessivos rumo a uma evolução crescente passaram a ser marteladas. Assim, o filósofo do martelo e o filósofo das arqueologias do saber e das genealogias do poder inscreveram na história o pensamento acerca da descontinuidade.

Seja com Foucault a partir dos estudos de Canguilhem e Bachelard ou Nietzsche que vai inspirar as reflexões de Foucault sobre a História enquanto espaço descontínuo, o que faz com que a filosofia rume para outras direções, para além das certezas da modernidade, ou seja, pairam a dúvida e a incerteza. Mas a discussão que aqui pretendemos que seja empreendida não se coloca no sentido de averiguar o que é verdadeiro ou falso, mas no sentido de tecer gestos de leituras acerca dos modos como os sujeitos se produzem em um lugar específico.

Dessa forma, acessar a rede, a partir da ideia de verdade exposta por Nietzsche (1999) implica em apre-

sentar de um modo particular uma contraposição as noções de *fakes*⁵, segundo apontaram os entrevistados do presente trabalho, conforme será apresentado posteriormente. Neste contexto, tomamos por inspiração, para esta escrita, não discutir os conceitos de verdadeiro e falso, muito antes, afastamo-nos dessa discussão, uma vez que, o que interessa para este momento são as produções identitárias em um aplicativo através de reflexões acerca da produção destes indivíduos em sujeitos, ou, nas palavras de Judith Revel (2005) “os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos” (p. 82).

CONECTANDO AO APLICATIVO GRINDR...

Os sujeitos são produzidos a partir de processos de objetivação e de subjetivação, segundo Fonseca (2003) indicam que na objetivação os sujeitos são constituídos por um conjunto de práticas, estratégias e técnicas disciplinares para produzir conhecimentos sobre o sujeito e seu corpo, a fim de classificá-lo, posicioná-lo, corrigí-lo e governá-lo. “O Grindr é um aplicativo com base na localização para encontrar homens gay, bi e bi curiosos, com vista a combinar encontros e socializar, feito para ser usado com o teu Android” (Grindr, 2019, s.p.).

O Grindr utiliza a rede celular ou sinal Wi-Fi do Android para identificar a localização física, de modo a permitir socialização e interações diversas com homens (segundo o layout do site) de diferentes locais. Algumas das principais características deste artefato midiático é a gratuidade do serviço e a preservação do anonimato que garantem a discrição dos usuários. Vale destacar, neste contexto que o Grindr, atualmente,

[...] desde o lançamento, em 2009, o Grindr se tornou a maior rede social para conectar pessoas gays, bi, trans e queer no mundo inteiro. Temos milhões

4 Um dos propósitos dos períodos epistêmico, político e ético das investigações foucaultianas é problematizar a “história das relações entre o pensamento e a verdade [...] uma história do pensamento como pensamento da verdade” (Foucault, 1994, p. 669).

5 *Fake* (“falso” em inglês) é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na Internet para ocultar uma identidade de um usuário ou usuária. Para isso, são usadas identidades de sujeitos “ditos(as)” famosos(as), personagens de filmes, paisagens, animais, entre outros(as), ou até mesmo imagens de outras pessoas anônimas. Recorremos a este termo, tendo em vista, o uso recorrente do mesmo, ao longo das narrativas e, inclusive, em alguns perfis instalados no aplicativo Grindr.

de usuários diários que usam a plataforma baseada em geolocalização e conversar com quem esta por perto ou em quase todos os países, nos quatro cantos do planeta (Grindr, 2019, s.p.).

Assim, entendemos o aplicativo como um artefato cultural e ao trabalhá-lo dessa forma, operamos com a ideia de que o mesmo é resultante de construções culturais, as quais podem possibilitar potentes discussões acerca do espaço observado, por meio de seus currículos e práticas pedagógicas (levando em consideração os modos de funcionamento e a instauração de comportamentos que podem ser percebidos neste lugar em que os sujeitos interagem, portanto, à objetivações diversas) perpassando os ambientes, tanto virtual, quanto presencial sem se anular, desenvolvendo-se em um processo contínuo, no qual as diferentes leituras sobre o aplicativo não se sobrepõem a outras e, desse modo, podem estar em operação, forjando identidades e significados. Consideramos, também, a ideia de que no Grindr, coexistem múltiplos currículos, que são artefatos culturais e que, por isso, contém pedagogias que ensinam modos de ser e estar no mundo e especificamente naquele espaço, construindo e reproduzindo significados sociais. Isto porque, na perspectiva cultural, as pedagogias, enquanto processos sociais que ensinam, estendem-se a todos aqueles espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados (Steinberg, 1997, p. 93).

A partir das pedagogias e dos artefatos que buscamos perceber o quanto os sujeitos são produzidos pelos perfis presentes no aplicativo. Além disso, salientamos que os atravessamentos ocorrem em meio aos processos culturais “que estão intimamente vinculados com as relações sociais [...] não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas de classes” (Johnson, 2004, p. 13). Logo, cultura envolve poder.

Afirmamos para tanto, que é importante perceber que os artefatos culturais não possuem significados únicos, fixos e intocáveis, já que estão atrelados à dependência do que podem implicar em determinado tempo e contexto, cabendo aos sujeitos suspenderem os conceitos produzidos, a partir deles para leituras questionadoras sobre suas ordens e genealogias.

Nesse contexto, abrir espaço para discutir conceitos implica em problematizar os espaços pedagógicos, entendendo estes como afirma Steinberg (1997, p. 102) “aqueles onde o poder se organiza e se exercita tais como bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc”. A partir da afirmação da autora afirmamos o estímulo em trabalhar a análise das mídias e materiais propostos, tanto pelas agências de fomento dos setores educacionais, como das de publicidade, que por sua vez veiculam costumeiramente fotos, vídeos, músicas, entre outros produtos, por vezes carregados de pré-conceitos, sexismos e normatizações.

Dito isso, problematizar e questionar são verbos caros e merecem atenção nos meios em que as pedagogizações de comportamentos podem ser produzidas, dentre eles, as que podem ser inferidas a partir de observações do funcionamento do Grindr. Deste modo, dentre as articulações possíveis operamos com noções de *artefatos culturais*, *pedagogias culturais*, *currículos* e *produção de identidades*, observados a partir de narrativas apresentadas em detrimento de modos de organização dentro de um aplicativo. O Grindr é o nosso campo de pesquisa, sobre o qual, segundo um dos participantes implica em “elaborar-se e identificar-se de forma *fake*, ou arriscar-se em ser relegado de possíveis relações ao exibir-se de cara limpa” (Trincadão, 2018).

PRODUZINDO UM PERFIL...

Para produzir a pesquisa partimos de estudos sobre as Culturas gay o que também conduziu-nos as discussões sobre diferentes segmentos culturais e sociais, tendo em vista a amplitude de comportamentos e campos de saber. Interessou-nos dessa forma, estudar nas Culturas gay, as ações aí inseridas em relação às diferenças atribuídas socialmente, aos posicionamentos marginais. Através da expressão *culturas gay*, abordar uma necessidade de desconstrução de estruturas sociais heteronormativas que punem, já ao discriminar aqueles(as) que de alguma forma não estão inseridos(as) no interior da “dita” cultura heterossexual e que são em muitos momentos reiteradas pelos(as) pertencentes da chamada cultura gay. Para além destas questões, então, requer

pensar essas relações implicados na problematização das ações dos sujeitos, no sentido que elas atuam diretamente nos corpos (Foucault, 2000).

Para tanto, consideramos necessário apontar que a operação com o conceito de cultura foi possível entendendo que, “ela não é uma prática, nem é simplesmente a descrição da soma dos hábitos e costumes de uma sociedade. Ela atravessa todas as práticas sociais e constitui a soma de suas inter-relações” (Hall, 1980, p. 60). Neste contexto, Stuart Hall aponta que a soma de hábitos e costumes de práticas sociais ao se intercomplementarem, constituem aquilo que chamamos por cultura. Sendo assim, escrever sobre cultura gay coloca-nos em risco, uma vez que incorremos na possibilidade de dizer/determinar que existe um modo, ou meio de ser homossexual, o que não é o foco, tampouco escopo desta pesquisa.

Diante da possibilidade de múltiplas formas de inter-relação entre diferentes culturas, inferimos a necessidade de estudar estes arranjos comportamentais e sobre isso, este mesmo autor expõe que “os Estudos Culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjecturas e momentos do passado [...] tiveram uma grande diversidade de trajetórias” (Hall, 2006, p. 189). Sendo assim, compreender que existem diferentes caminhos parece um ponto importante para seguir pesquisando sob esse campo de estudos percebendo que, embora seja um aplicativo com um objetivo exposto, a partir de seu produtor, os sujeitos que lá se cadastram podem buscar diferentes usos do mesmo e serem inseridos(as), assim, em funções outras para utilização desse artefato. Desse modo, nos parece necessário recorrer a Lopes (2002) quando afirma que:

Tanto os estudos feministas quanto os estudos gays, lésbicos e transgêneros têm um primeiro movimento de criticar representações sociais estereotipadas, os silêncios e as opressões. Essa abordagem sócio-histórica é fundamental para quebrar núcleos da misoginia e da homofobia, ao demonstrar que as diversas sociedades e os vários tempos históricos lidaram de forma bastante diversificada para além das dualidades masculino/feminino e

heterossexualidade/homossexualidade. O preconceito se expressa na sociedade pela ridicularização e pelas violências; na política, ao ser considerado um tema menor diante das transformações conduzidas pelos partidos e pelos sindicatos; bem como na universidade, ao não legitimar estes estudos em pé de igualdade com correntes de pensamento mais tradicionais (p. 381).

Nesse sentido operamos com os campos de saber dos Estudos Culturais, como um projeto político crítico, sob o qual as lutas dos grupos dissidentes da norma hegemônica buscam expor suas trajetórias, seus escapes, inserindo-se em diferentes espaços, mas sendo abarcados por outras normas. Reiteramos aqui o cuidado necessário ao escrevermos sobre a cultura gay, quando nos parece potente utilizar sempre o termo no plural, multiplicando comportamentos, possibilitando arranjos outros, que estejam aí para escapar da anterior, seja ela qual for. Assim, dialogamos com Foucault (2007) ao escrever que:

Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto – que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. [...] A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, excluí (pp. 152-153).

Por este caminho, queremos produzir o entendimento de que o Grindr é um aplicativo que, enquanto artefato cultural, passa a ser visto como uma ferramenta no sentido em que Jodelet (2001) apresenta. O conceito de ferramenta, para ele, é algo que produz identidades através de sentidos que circulam entre e, no caso do aplicativo, através de sentimentos, pensamentos e relacionamentos como um todo, situados nesta interface específica de interação. Lê-lo dessa forma implica em perceber possibilidades de produção dos distintos sujeitos que lá estão e que por lá se inserem em diferentes disputas que podem variar desde uma brincadeira, flerte, a (in)definição de “quem ficará com quem”, independente de como se apresenta o objetivo de usos, no site do app.

Também olhar os processos de produção e intercâmbio de identidades dentro do artefato indica-nos pistas de parecer que há intencionalidades na produção

das mesmas, no entanto, cabe destacar que, aos nossos olhos, isso é apenas um efeito das multiplicidades de ações possíveis, que tomando a reflexão sob inspiração foucaultiana ante ao conceito, estarão a todo o momento se produzindo em uma arena cultural, na qual os significados serão negociados, no interior de redes de poder e as definições hierárquicas dependerão mais das subjetividades do que das objetividades, entendo que não existe um sujeito transcendental, unificado ao redor de um “eu” coerente e com uma essência perene. E nesse sentido, o Grindr parece funcionar utilizando-se de uma norma corporal imagética.

Através da fala dos participantes entrevistados podemos advir que as produções de suas imagens dependem geralmente dos perfis que mais lhe atraem, ou seja, são produzidas para corresponder a um modelo, e as mesmas podem ser entendidas como sua “identidade alterdirigida”, segundo a antropóloga Paula Sibilia (2008), já que se trata de identidades produzidas em relação à presença do outro “pois sob o império das subjetividades alterdirigidas, o que se é deve ser visto [...] e cada um é aquilo que mostra de si” (p. 235). No entanto é importante ressaltar que esses processos de produção estão expostos aos escapes, vazamentos, subversões e resistências (Paraíso, 2007), uma vez que se tratam de produções culturais.

Levando em consideração, portanto, as noções foucaultianas acerca da produção de subjetividades, a

noção de identidades culturais exposta por Stuart Hall (1980; 2006) advinda dos Estudos Culturais de vertente britânica e das teorizações de teóricas queer como Judith Butler (2003a, 2003b), tecemos reflexões acerca da objetivação dos sujeitos e produção de identidades no aplicativo Grindr. O sujeito então, não pode ser percebido como fundante de sua subjetividade nem como alguém que tenha total domínio dos efeitos de seus dizeres, já que, inserido nas malhas das redes de saber-poder que objetivam subjetividades se apresenta, sob a perspectiva pós-estrutural como múltiplo, heterogêneo e descentrado. Exposto esse caminho teórico passamos ao investigativo, a ida ao campo.

Consideramos para tanto, necessário apresentar minimamente o layout do aplicativo no formato para Android. Abaixo as fotos ilustrativas que foram extraídas do site do Grindr. O sistema possui o formato para *notebook* e computador residencial também, mas com deferentes formatos de apresentação. Vejamos abaixo (figura 1) as apresentações para versão Android.

A metodologia decorreu da produção de um perfil, no qual continha uma foto do pesquisador e primeiro autor do presente artigo (figura 1). Ao produzir o perfil definimos que a idade para contatos seria de no mínimo 18 anos sem determinarmos um limite máximo, estipulamos que a altura poderia ser qualquer uma também e em relação à distância



Figura 1. Apresentações do app Grindr para versão Android.

Fonte: elaboração própria

de localização dos usuários observados definimos a abrangência da Região Sul do RS, a partir do município do Rio Grande, ou seja, 130 Km.

Realizada esta primeira parte, que refere-se ao cadastro inicial no aplicativo, articulamos um texto no qual foi apresentada⁶ a pesquisa (imagem 2). Posterior a isso lançamos olhares para identificar os perfis possíveis, dentro da condição espaço geográfico e questionamos àqueles que continham alguma foto, desde que não fosse de rosto (imagem 3). Escolhemos os perfis (imagem 4) e direcionamos nosso questionamento (imagem 5) que foi: O que te leva a produzir um perfil e não mostrar o rosto? Ao todo foram 43 (quarenta e três) perfis que receberam esta pergunta. A todos os perfis foi apresentado primeiro a pesquisa e depois foi lhes enviada a questão. Foram 17 (dezesete) contatos de retorno e 11 (onze) respostas a pergunta.

Salientamos que dentre os retornos, alguns eram convite para sexo, saída descompromissada, pedidos de mais fotos do pesquisador, sob a justificativa de “saber se era uma pesquisa científica de verdade” (palavras do entrevistado Ken). Sendo assim, os sujeitos foram identificados de acordo com a denominação dos mesmos, seguindo a lógica da nomeação explicitada no perfil de cada um, no aplicativo. Os 11 (onze) participantes são: *malhado gato; trincadão; ken; lavadeiro; ursão; marombeiro; passivo bom; lobo bom; ator; bento xvi e comedor rs*⁷.

O processo de nomear pode indicar como afirma Butler (2003a, 2003b) um processo denominado de conferimento de um nome que é, “ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma” (2003a, p. 161), o que consideramos como ato performativo. Neste contexto, esta consideração vinculada aos estudos

Queer podem ajudar a questionar “o que conhecemos e sobre o que desconhecemos, ou melhor, sobre o que nos permitimos conhecer e sobre o que deixamos de conhecer, sobre o que ignoramos” (Louro, 2014, p. 36). Os contatos iniciais, foram realizados nas primeira semana do mês de Julho de 2018. Já, os aceites e respostas ocorreram em dias subsequentes do mesmo mês e 3 (três) indicadores de participação, bem como as respostas foram concedidas posteriores a este período, mas compõem esta pesquisa.

A partir das discussões relacionadas ao aplicativo Grindr e o processo de construção dos dados, definimos o uso da Análise de Conteúdo exposta por Roque Moraes (1999) para o trato das narrativas. Segundo o autor, esta é “uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos” (p. 19). Ressaltamos Moraes (1999) ao expor que, de certo modo, “a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra” (p. 3). Segundo este mesmo autor, o processo de análise das narrativas divide-se em cinco fases: 1) Preparação das informações; 2) Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; 3) Categorização ou classificação das unidades em categorias; 4) Descrição; 5) Interpretação. Dessa forma, a partir do recolhimento material, trabalhou-se com “um conjunto de técnicas de análise que, através de uma descrição sistemática, qualitativa, possibilita níveis de compreensão mais profundos sobre o assunto que se pretende investigar” (1999, p. 2).

Nesta pesquisa as fases ficaram assim descritas: a preparação refere-se a transcrição das mensagens enviadas por meio do aplicativo. Já, a unitarização consistiu em uma leitura que possibilitou-nos encontrar pontos em comum nas narrativas. Na terceira elaboramos um agrupamento conceitual, ao que foi dito, nossa primeira categorização dos dados. Na quarta, pós nova leitura dos textos, determinamos um título aos agrupamentos, de modo a descrever os dados nelas agrupados. Na última fase definimos os títulos que formam os subitens deste artigo, ou seja, os pontos de análise dos dados, a partir das respostas, sem correção nossa.

Percorrido este caminho investigativo/ metodológico proposto pela técnica de Análise de Conteúdo

6 O texto utilizado para apresentar a pesquisa foi o seguinte: “Este perfil está voltado para produção de um estudo científico/acadêmico. Ele é composto e manuseado por três sujeitos, uma orientadora e dois estudantes. Pretendemos com essa pesquisa compreender formas de produção de masculinidade, identidades e práticas sócias que circulam no aplicativo Grindr. Caso você julgue pertinente tal investigação, por favor entre em contato e assim, poderemos iniciar o processo de estudo, a partir do seu perfil. Para eventuais dúvidas envie mensagens no campo de diálogos privados. Sem mais para o momento, despedimo-nos”.

7 Para este artigo não utilizamos as narrativas de todos, tendo em vista que o texto é fruto de apenas uma das três categorias de análise.

(Moraes, 1999) foi possível agrupar as narrativas em três categorias para análise que foram denominadas da seguinte forma: a primeira intitulamos *por defesa...* (na qual os sujeitos expuseram que usam o app como modo de esconder-se, como uma possibilidade de fuga); já, a segunda *por prazer...* (na qual discutimos as questões voltadas a produção das vontades e desejos presentes nas corporalidades subjetivas narradas pelos entrevistados) e a terceira *por lazer...* (na qual discorremos sobre a produção de corpos, a partir de noções de homossexualidade, bem como da formação dos desejos). Neste artigo, trabalharemos com a primeira, somente, por conta do espaço de discussão ocupado pelo agrupamento das três, em conjunto.

Os títulos das categorias foram definidos, a partir de um relato do participante Bento XVI ao escrever que: “Por defesa, por prazer e por lazer, meu *fake* me protege!” (Comunicación personal, 8 de septiembre de 2018), sobre o qual recorreremos também, ao pensar e definir o título desta pesquisa. Assim, descrevem-se olhares analíticos as respostas dos sujeitos, analisando o que foi efetivamente dito nos posts (respostas ao perfil do pesquisador), “suspendendo continuidades, acolhendo cada momento do discurso e tratando-o no jogo de relações em que está imerso” (Fischer, 2001, p. 221).

POR DEFESA...

Nesta categoria trabalhamos o agrupamento de respostas que indicam alguma necessidade esconder-se de algo, ou alguém. O nome defesa, nesse sentido, refere-se ao ato de proteção. Vejamos nos excertos abaixo os motivos que nos conduziram a indicar esta operacionalização e, por consequência, nomenclatura.

“Ter esse *fake* me deixa mais tranquilo para ser quem sou, fora daqui não posso. Pego as fotos na internet de caras que acho que são desconhecidos e vou apresentando no meu perfil, é ao mesmo tempo uma possibilidade e uma defesa e mais que isso é um jeito de mostrar um corpo que não é meu, mas que chama atenção dos cara, até eu conseguir deixar o meu corpo como eles querem e gostam. Tu te molda. Esse é o jogo” (Malhado Gato, comunicación personal, 25 de agosto de 2014)⁸.

Para esta categoria de análise focamos em discutir sobre a necessidade que os sujeitos têm de se esconder, de criar identidades para viver suas sexualidades, ou antes, disso produzi-las entendendo que estes processos envolvam “rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções [...] processos profundamente culturais e plurais” (Louro, 2003, p. 11). Sendo assim, produzir/ construir as sexualidades é visto como um processo inacabado, e, além disso, torna-se “instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada” (Britzman, 1996, p. 74). Ainda, Déborah Britzman afirma que “nenhuma identidade sexual —mesmo a mais normativa— é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação” (Britzman, 1996, p. 74).

Abrir este tópico com a narrativa de Malhado Gato é uma forma de demonstrarmos como a noção de defesa está alicerçada e múltiplos saberes: um corpo que não é seu, chamar atenção dos usuários do app, produzir um tipo de corpo que alimente os desejos alheios, moldando-se. Além disso, sob uma suposta diretriz que afirma ser essa —“adaptação/emolduração” dos corpos— a regra do jogo. Estes fatores dialogam diretamente com o exposto por Cláudio Mendes (2006) ao embasar-se em Michel Foucault, afirma que:

Ao contrário do sujeito - que não existe a priori, mas é uma invenção pautada em discursos e relações de poder-saber que o constituem -, o corpo em Foucault preexiste como superfície. Contudo, como objeto de relações de poder-saber que constituem atitudes corporais e formas de sujeito, o corpo sofre ações baseadas em diferentes tecnologias historicamente elaboradas. Pode-se dizer que o corpo seria um arcabouço para os processos de subjetivação, a trajetória para se chegar ao “ser” e também ser prisioneiro deste. A constituição do ser humano, como um tipo específico de sujeito, ou seja, subjetivado de determinada maneira, só é possível pelo “camino” do corpo (p. 168).

Nesse sentido, pode-se ler a fala do entrevistado Trincação, a partir das argumentações acima defendidas,

de tabelas, tamanho da fonte 10, espaçamento entre linhas de 1,15 e entre aspas, seguidas pelo nome indicado no perfil do participante e a data em que o mesmo retornou ao nosso contato.

8 Por uma questão de organização do texto as narrativas dos participantes estarão, nesta parte do texto, descritas dentro

“Aqui posso ser quem realmente sou, é claro escondido no meu fake com outra identidade, expondo fotos que podem e também não ser minhas. É uma defesa de quem precisa se esconder para sentir prazer de outras formas” (Trincadão, comunicação personal, 27 de agosto de 2018).

Pela fala deste sujeito, abrimos uma discussão sobre a produção de identidades, pensando que assim como na produção de sexualidades, elas são perpassadas, estão nas tramas dos processos de construções culturais, envolvidas em redes de poder-saber, que hierarquizam uma em detrimento da outra, embora ambas tenham suas congruências e desenrolar específicos, isto é, não se anulam. Criar uma identidade, a partir de foto de celebridades é algo comum, afirmamos isso, pois, na diagramação do aplicativo ao ser acessado é possível visualizar inúmeras fotos de sujeitos ditos famosos(as), sendo utilizadas pelos membros do aplicativo, algumas inclusive se repetem em diferentes perfis. Consideramos que, cabe então, reiterar os estudos acerca das identidades culturais a partir de Stuart Hall (2006):

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como processo em andamento. A identidade que surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (pp. 38-39).

As identidades, no caso da pesquisa, substanciam a necessidade de esconder-se, em uma, ou mais imagens que não impliquem no reconhecimento de quem fala. Nesse sentido, nas fotos apresentadas nos perfis, é possível perceber que não estamos lidando com as representações ali expostas e nesse sentido dialoga-se com André Rouillé (2009), quando este autor escreve sobre expectativas de realidade expostas a partir da fotografia, que fabrica mundos (e, no presente caso, também subjetividades) ao invés de reduzir-se à representação deste:

Ora, a fotografia, mesmo a documental, não representa automaticamente o real; e não toma o lugar

de algo externo. Como o discurso e as outras imagens, o dogma de ser “ser rastro” máscara o que a fotografia, com seus próprios meios, faz ser: construída do início ao fim, ela fabrica e produz mundos. Enquanto o rastro vai da coisa (preexistente) à imagem, o importante é explorar como a imagem produz o real (p. 18).

“Só assim vejo jeito de viver coisas que quero e evito que os cara riam de mim porque sou gordo, falo isso, pq não gosto de gordo tb e o Ken sempre foi um boneco bonito e interessante, me defendo, escondido nele” (Ken, comunicação personal, 27 de agosto de 2018).

Os investimentos sobre os corpos ainda possuem formas de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (Foucault, 2004, p. 147). Parece haver uma incitação à produção desses corpos. Assim, ao esconderem-se nesses *fakes*, os usuários demonstram que talvez, estando “com a tranquilidade garantida por um suposto anonimato, seja possível exprimir ideias de maneiras mais contundentes, polêmicas e até mesmo sarcásticas” (Rocha, 2011, p. 138), ou seja, tenta-se evitar deboches ou a desvalorização física daquele que está se expondo no aplicativo, já que o contato é virtual. No entanto, podem existir outras inspirações à criação de um *fake*, que podem ser produzidos por outros sentidos, como o de garantir segurança, ou então, em linhas de “proteger e servir/vigiar e punir” (p. 138). Razões estas pelas quais, entre outras, que definimos este subtítulo como defesa.

“Preciso me esconder, minha família não sabe de mim, nem minha namorada, ela é faxada!⁹ Por isso uso fotos que não sou eu, me defendo para poder usar o APP” (Lavadeiro, comunicação personal, 30 de agosto de 2018).

Além dos pontos destacados nessa categoria, ainda tem-se a fala de Lavadeiro, que pode indicar as ideias de generificação dos comportamentos, normas de conduta dos sujeitos, a partir de seu sexo —papel biológico— esperado. Destaca-se nesse sentido que,

9 Segundo o participante ao perguntarmos o que significa, para ele, o termo “faxada” recebemos a seguinte explicação: “É um faz de conta, é para cumprir uma obrigação, para minha família ficar feliz e não desconfiar das coisas que gosto” (Lavadeiro, 2018).

o gênero, é entendido como o que confere significado aos corpos, ele indica como se deve lê-los, nos permite socialmente ser reconhecidos e construir múltiplas identidades em diferentes culturas.

Viver um relacionamento heterossexual fora das redes, para este sujeito, torna-se algo que implica a necessidade do segredo e da proteção conferida por estar situado em uma posição de *fake*, vivenciando no aplicativo algo que também é constitutivo das suas identidades e subjetividades. Robert Connel (1995, p. 190) expõe que “toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens, eles são pressionados a agir e a sentir dessa forma e se distanciar do comportamento das mulheres e da feminilidade”. Entre essas está o relacionamento conjugal heterossexual. Vale destacar um movimento que não reafirme a norma heterossexual, mas que se pautar na existência de outras identificações dos sujeitos, como a partir da homossexualidade, segundo Louro (2014), já que:

Na medida em que se questiona a normatividade de gênero e da sexualidade se põe em xeque algo que pode ser visto como um dos “pilares” do modo como pensamos e vivemos. A lógica binária que define os sujeitos como macho e fêmea também implica que os gêneros serão dois e que a sexualidade deve ser exercida com alguém do sexo/gênero oposto. A heteronormatividade que dá suporte a essa lógica, como todas as outras normas, se exercita de modo silencioso, invisível, disseminado. Se ousamos colocar este binarismo “fundante” em questão, se ousamos pensar em multiplicidades de gênero e sexualidades, então outras dimensões da vida podem também ser perturbadas, multiplicadas, complexificadas (p. 37).

Nominar esta parte do artigo como *por defesa...* implica em problematizar estas questões dispensadas por Guacira Louro (2014), ao dialogarmos com as razões que conduzem os participantes ao expressarem que necessitam proteger-se de algo. Colocar em dúvida as práticas generificadas como dualistas, ou mesmo o comportamento heteronormativo, leva nossos participantes a alegarem que o *fake* os protege, permitindo a eles diferentes usos do aplicativo. Aderir ao Grindr de forma defensiva deriva de diferentes razões, pelas quais nossos sujeitos percebem-se impossibilitados, sendo assim justificam diferentes nomeações e apresentam fotos que não são suas, mas

que são os mecanismos que os possibilitam utilizar deste artefato cultural. Nossos olhares então se pausaram por estas questões, neste primeiro momento, pois pensar nas condições de possibilidades que nos garantimos é algo também presente nas narrativas dos sujeitos acima destacados.

SER, NÃO SER, PRODUZIR: FAKES EM QUESTÃO...

Nas análises articuladas no presente trabalho foi possível perceber que essas formas de interação social acarretam na defesa daqueles que as articulam assegurando e ao mesmo tempo, postergando o contato olho no olho. Importante ressaltar dois questionamentos nessas considerações momentâneas: o primeiro é o de pensar sobre como se articulam as relações interpessoais que este artefato cultural possibilita, tanto na rede virtual, quanto na vida fora dela? e o segundo: sobre quais implicações ocorrem, a partir do uso seguido do Grindr? Amarra-se estes apontamentos a afirmação exposta por Edvaldo Couto e Telma Rocha (2010) ao situarem:

Na atualidade, somos, de muitos modos, resultados dos diversos discursos e contradições intrínsecas a cada experiência ou modo de ser. Nesse contexto, as identidades estão em constante construção, desconstrução e reconstrução. Isto nos permite concluir que vivemos a era das hibrididades, das identidades híbridas, onde não faz mais sentido classificá-las como “verdadeira” ou “falsa”. No ciberespaço ou na vida off-line as identidades são mais ou menos inventadas e as com-fusões são mais importantes que as definições limitadas e empobrecidas (p. 29).

Outras justificativas ficam no campo das possibilidades de macular ou depreciar a própria imagem, ou seja, expressar seus desejos sem precisar arcar de forma direta com consequências de outras ordens. “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 2007). Notamos, também, que as relações de práticas sexuais, no caso, ser passivo, é algo que os sujeitos mencionaram como justificativa para não se expor. Desse modo, parece haver um currículo, como uma espécie de modos de

comportamentos possíveis no interior das regras do jogo em que se dão as interações virtuais, que forja comportamentos e faz com que sejam percebidas diversas produções de identidades. Encerramos assim dialogando com Didier Eribon (1996) ao citar Foucault ao expressar que:

Creio que é politicamente importante que a sexualidade possa funcionar como funciona nas saunas, onde, sem que se esteja aprisionado em sua própria identidade, em seu próprio passado, em seu próprio rosto, encontram-se pessoas que são para você o que você é para elas: nada mais do que corpos, com os quais combinações, fabricações de prazer serão possíveis (p. 168).

São inúmeras práticas e um espaço com múltiplas identidades circulantes, estudar o Grindr, como artefato cultural que ensina e medeia relações entre sujeitos é uma experiência —no sentido larrosiano¹⁰— que requer outras e insistentes leituras, pois deixa em aberto questionamentos importantes para se pensar comportamentos contemporâneos. São muitas produções, em meio às reflexões possibilitadas face aos relatos descritos pelos *fakes* apresentados, que demarcam lugares onde os sujeitos devem ocupar, a partir do que se é, ou quer ser, daquilo e daqueles que se expõe dentro do espaço específico de um app de interação virtual. Dessa forma, contribuímos para pensar os modos de subjetivação na contemporaneidade através desse artefato.

REFERENCIAS

- Britzman, D. (1996). O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, 21(1), 71-96.
- Butler, J. (2003a). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In G. L. Louro (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 151-172), 2.^a ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2003b). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. [Translated by R. Aguiar].
- Connel, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185-206.
- Couto, E. S & Rocha, T. B. (2010). Identidades contemporâneas: a experimentação de “eus” no Orkut. In E. S. Couto y T. B. Rocha (orgs.), *A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais* (pp. 13-32). Salvador: EDUFBA.
- Eribon, D. (1996). *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fischer, R. (2001). Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, (114), 197-223.
- Fonseca, M. (2003). *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC.
- Foucault, M. (1994). Da amizade como modo de vida. In M. Foucault, *Ditos e escritos IV*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2000). Os recursos para o bom adestramento. In M. Foucault, *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (pp. 153-172). 29.^a ed. Rio de Janeiro: Vozes. [Translated by Ramalheite, R. Petrópolis].
- Foucault, M. (2004). A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In M. Foucault, *Ética, sexualidade, política. Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2007). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Grindr (2019). *Encontrar cara*. <http://grindr.com>
- Hall, S. (1980). Estudos Culturais: dois paradigmas. In S. Hall, *Da diáspora: Identidades e mediações culturais* (pp. 131-159). Belo Horizonte: UFMG.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.^a ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Jodelet, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Johnson, R. (2004). O que é, afinal, Estudos Culturais? In T. T. Silva (org., trad.), *O que é, afinal, Estudos Culturais?* (7-131), 3.^a ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Larrosa, J. B. (2002). Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.
- Lopes, D. (2002). *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Louro, G. L. (2003). Pedagogias da sexualidade. In G. L. Louro (org.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 7-34), 2.^a ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2014). O potencial político da teoria queer. *CULT*, 17(193), 36-37.
- Mendes, C. L. (2006). O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, (39), 167-181.

10 Segundo Jorge Larrosa (2002), a experiência remete a algo que nos passa e que nos acontece.

- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.
- Nietzsche, F. (1999). Curso de retórica. *Cadernos de tradução*, (4).
- Revel, J. (2005). *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz. [Translated by M. Gregolin, N. Milanez, & C. Piovesani].
- Rocha, J. (2011). Fakes. In A. Brambilla (org.), *Para entender as mídias sociais* (pp. 137-139). Salvador: VNI.
- Rouillé, A. (2009). *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac.
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Steinberg, S. (1997). Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In L. H. Da Silva, J. C. De Azevedo, & E. S. Dos Santos (orgs.), *Identidade social e construção do conhecimento*. Porto Alegre: PMPA.